

O BODE, O ESQUADRO E O COMPASSO: problemas decorrentes do humor na iniciação maçônica

(THE GOAT, THE SQUARE AND THE COMPASS: problems arising from humor in Masonic initiation)

Fernando Rodrigues de Souza ¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o humor presente nas cerimônias maçônicas com enfoque na figura do bode, bem como suas implicações durante o desenvolvimento da instituição. A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico sem levar em consideração a data de publicação das obras, mas sim sua relevância sobre o tema. Durante a investigação foi possível constatar a existência do humor na ritualística da maçonaria há pelo menos quatrocentos anos, dos quais envolveram a instituição em diversas polêmicas e que hoje passam por um escrutínio mais rigoroso. Contudo, mesmo com a existência de leis que colocam tais ações como atos indisciplinados, ainda é possível verificar tais práticas nas últimas décadas até a atualidade, de modo a ainda existirem como um dilema a ser superado pela Maçonaria.

Palavras-chaves: Maçonaria; Humor; Rituais; Cerimônias.

Abstract

This article aims to analyze the humor present in Masonic ceremonies with a focus on the figure of the goat, as well as its implications during the development of the institution. The research was carried out through a bibliographical survey without taking into account the date of publication of the works, but rather their relevance on the subject. During the investigation it was possible to verify the existence of humor in the rituals of freemasonry for at least four hundred years, which involved the institution in several controversies and which today undergo a stricter scrutiny. However, even with the existence of laws that place such actions as disciplinary acts, it is still possible to verify such practices in recent decades to the present day, so that they still exist as a dilemma to be overcome by freemasonry.

Keywords: Freemasonry; Humor; Rituals. Ceremonies.

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela UFS. Graduado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional (2023). Especialista em História das Religiões pela Universidade Cruzeiro do Sul (2021) e em Filosofia da Religião pela Universidade Dom Alberto (2021). E-mail: fernandordesouza@yahoo.com

1. Introdução

A Maçonaria é uma instituição conhecida por seus mistérios, alegorias, simbolismos e por seus rituais de iniciação que despertam a curiosidade e o imaginário popular, dos quais resultam em lendas nos meios chamados "profanos", ou seja, daqueles que não foram iniciados na instituição.

Dentro do simbolismo, dividido em seus três graus mais populares, aprendiz, companheiro e mestre, exige-se que o candidato ou maçom passem por uma série de atividades e cerimônias para que consiga ascender nos graus seguintes. Contudo, destaque especial se dá para a cerimônia de iniciação, que marca a recepção e introdução do candidato na ordem. Ainda hoje, a iniciação maçônica é objeto de especulações e lendas por parte de muitos grupos da sociedade, em especial os que não veem a maçonaria como algo positivo. Muitos elementos são de conhecimento popular, como o esquadro e o compasso, presentes em obras de arquitetura e que hoje tornaram-se marca registrada daqueles que fazem parte da instituição. Outro elemento bastante popular e controverso é a figura do bode, contudo, essa relação problemática e complexa não é algo recente, sua origem remonta ao século XIX em instituições iniciáticas nos Estados Unidos, antes mesmo de seu aparecimento na maçonaria.

Apesar de estar intimamente ligado aos mistérios da maçonaria, a figura do bode não está presente nos rituais maçônicos das potências regulares do Brasil, contudo, alguns autores maçônicos chegam a mencioná-lo em suas obras, como exemplo, Albert Pike em *Moral e Dogma* (1871). A influência do bode tornou-se tão popular que sua imagem é utilizada por muitos maçons, sendo adotado como animal de estimação da instituição. Por outro lado, sua má fama permanece considerável e permeia o imaginário popular de muitos grupos sociais e religiosos.

Essa relação expressa como parte do humor maçônico, ligado principalmente aos mistérios iniciáticos e as pegadinhas que faziam parte das cerimônias, renderam à ordem uma faceta ocultista e relacionada aos cultos satânicos, entretanto, no aspecto social essas ações por vezes ocasionaram diversos problemas para a instituição, envolvendo casos jurídicos e de morte durante uma iniciação. Diante de tantas problemáticas muitos rituais e constituições maçônicas passaram a adotar uma postura mais severa em relação às brincadeiras durante as cerimônias iniciáti-

cas, ainda assim, a figura do bode permanece popular dentro e fora da Maçonaria.

2. Origem e desenvolvimento do bode nas fraternidades iniciáticas

Historicamente o aparecimento do bode se dá na idade média onde era visto como um símbolo do diabo. Histórias comuns à época mencionavam sua relação com as bruxas, que montadas em bodes iam até a cidade para realizar cultos satânicos e participar de orgias (HODAPP, 2013).

A ideia vulgar de que "montar no bode" faz parte das cerimônias de iniciação em uma Loja Maçônica tem sua origem real na superstição da antiguidade. Os antigos gregos e romanos retratavam seu deus místico Pã com chifres, cascos e pele felpuda, e o chamavam de "pés de bode". Quando a demonologia dos clássicos foi adotada e modificada pelos primeiros cristãos, Pã deu lugar a Satanás, que naturalmente herdou seus atributos; de modo que, para a mente comum, o Diabo era representado por um bode, e suas marcas mais conhecidas eram os chifres, a barba e os cascos fendidos. Depois vieram as histórias de bruxas da Idade Média e a crença nas orgias de bruxas, onde, dizia-se, que o Diabo aparecia montado em um bode. Essas orgias das bruxas, onde, em meio a cerimônias terrivelmente blasfemas, praticavam a iniciação em seus ritos satânicos, tornaram-se, para o vulgo e o iletrado, o tipo dos mistérios maçônicos; pois, como diz o Dr. Oliver, era uma crença comum na Inglaterra que os maçons estavam acostumados em suas Lojas "a adorar o Diabo". Assim, a "montagem no bode", que se acreditava ser praticada pelas bruxas, foi transferida para os maçons; e o ditado permanece até hoje, embora a crença tenha desaparecido há muito tempo. (MACKEY, 2007, p. 315, tradução nossa)

Esse pensamento popular foi representado artisticamente no frontispício da segunda edição de *Bloekes-Berges Verrichtung* (1669), de Johann Praetorius. Na imagem é possível ver uma figura feminina montada em um bode e uma segunda centralizada, representando uma bruxa beijando o ânus de um bode (MOORE, 2007).

Fig. 1. Frontispício de Johannes Praetorius, *Blockes-Berges Verrichtung*, 2ª ed. (Leipzig: J. Scheibe, 1669).



Fonte: *University of Chicago Library, Special Collections Research Center.*

Alguns rituais maçônicos antigos referem-se a Deus através do acrônimo "GOAT", *God Of All Things*, uma palavra que significa bode. Isso serviu para que livros antimaçônicos dedicassem atenção especial a essa questão. Posteriormente os rituais passaram por alterações de modo a evitar essa polêmica, e como resultado disso, Deus passou a ser referido pelo acrônimo "GAOTU", *Grand Architect of The Universe* (HODAPP, 2013).

Outro problema gramatical também fez com que a fama do bode se firmasse cada vez mais na maçonaria. Nas antigas hospedarias e estalagens da Inglaterra, era costume, muitos anos atrás, que suas instalações ostentassem um texto como sinal. Um texto comum usado era "Deus nos envolve", *God encompasseth us*, e é muito provável que com o tempo tenha se corrompido para "Bode e Compassos", *Goat and Compasses*, um sinal ainda utilizado atualmente por muitas pousadas rurais na Inglaterra. "O conhecimento de que os compassos eram um emblema da Arte pode ter levado os profanos a acreditar que o bode também figurava em nossas cerimô-

nias." (ADAMS, 2018, p. 25)

Uma possível influência mencionada por Adams (2018), em suas *Masonic Notes*, é a gravura dos querubins com pernas de bode, sustentadores do brasão que veio a tornar-se um dos símbolos mais utilizados na Maçonaria anglo-saxônica, presente no frontispício da 2ª edição da obra Ahiman Rezon (1764).

Outra referência utilizada para justificar a presença do bode em instituições iniciáticas é a menção do texto bíblico do livro de Levítico 16. 7-10, que explana sobre o conceito de bode expiatório no contexto judaico. (HEIMBICHER; PARFREY, 2012)

Toma os dois bodes e os põe diante do SENHOR, na entrada da tenda do encontro. Aarão tira sorte sobre os dois bodes: uma sorte 'para o SENHOR', uma sorte 'para Azazel'. Aarão apresenta o bode sobre o qual caiu a sorte 'para o SENHOR', e com ele faz um sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte 'para Azazel', ele é apresentado vivo diante do SENHOR, para fazer sobre ele o rito da absolvição enviando-o a Azazel no deserto. (BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA, 1995, p. 136)

As décadas de 1820 e 1830 foram caracterizadas por perseguições de grupos religiosos de vertente cristã protestante e organizações políticas inimigas da maçonaria que realizaram ataques vinculando materiais que acusavam a instituição de práticas ocultistas, transgressoras e que iam de contra aos ideais cristãos. Segundo os apontamentos de Adams (2018), "o bode pode ter se associado à Maçonaria principalmente por meio da instrumentalidade da Igreja Católica Romana, durante o período de sua aberta hostilidade à Maçonaria" (ADAMS, 2018, p. 105).

Essas perseguições ocasionaram diversos problemas, de modo que, muitas lojas pararam de realizar suas reuniões (MOORE, 2007). Apesar de historicamente o bode ter sido associado aos rituais maçônicos de forma pejorativa, havia um considerável esforço para desmistificar essa comum associação. Em dezembro de 1917 foi publicado um artigo sobre o assunto e lido durante reunião na loja Blackmore Vale nº 3625, por um maçom chamado E. Turner, onde o autor buscava demonstrar que o bode, emblema do mal e da lascívia, não tinha ligação com os ritos puros e exaltados da Maçonaria (ADAMS, 2018).

Outros autores percebendo os danos ocasionados por essa lendária associação optaram por uma postura menos misteriosa e em seus escritos deixaram a questão esclarecida de forma bastante objetiva e incisiva. O já mencionado Hodapp (2012), em seu clássico *Freemasons For Dummies*, afirma: "Fique tranquilo: não há bode na loja. Os graus da Maçonaria são um assunto sério para os maçons, e não há brincadeira (ou brincadeira de bode)." (HODAPP, 2013, p. 153)

Mencionando as antigas práticas maçônicas na Europa, Heimbichner e Parfrey (2012) apontam o caráter humorístico do ato de 'montar o bode' durante as cerimônias na maçonaria. Para os autores isso deveria ser sempre lembrado apenas como uma piada existente há séculos. (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 50)

Diante de tais disputas e contradições, os responsáveis pelo aparecimento do bode não foram os maçons, mas sim os chamados Odd Fellows, uma instituição sediada na cidade de New Kensington, na Pensilvânia, e assim como a maçonaria, também realizava práticas iniciáticas. Cabe ressaltar que no século XIX diversos catálogos antigos de empresas de suprimentos fraternos ofereciam bodes mecânicos para uso em instituições iniciáticas e fraternidades, ou nos chamados graus "divertidos". É nesse contexto que a instituição inovou suas cerimônias ao adquirir um bode mecânico da loja DeMoulin Bros. & Co., de Greenville, Illinois, empresa mais conhecida por seus elaborados catálogos intitulados "*Burlesco and Side Degree Specialties, Paraphernalia and Costumes*", que carregavam quase 200 páginas de pegadinhas inventivas e sádicas. (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012 p. 53)

Na década de 1840 eles passaram a receber notoriedade e isso fez com que surgissem as primeiras publicações anti-Odd Fellow, sendo a mais popular a *Odd Fellowship Exposed* (1845), de autor anônimo. Essa publicação descrevia de maneira imprecisa a cerimônia de iniciação, onde o candidato era recebido escutando gritos de 'Prepare o bode!'. O autor do texto ainda menciona ter montado em um grande bode preto e branco, sido instruído a segurar em seus chifres e em seguida caindo no chão. O relato é concluído mencionando que após o ocorrido todos os presentes riram da situação. (MOORE, 2007)

Para Heimbichber e Parfrey, a popularização do bode se deu através da *The Modern Woodmen of the World*, uma fraternidade de notoriedade fundada em 1883, no estado do Iowa, que também fez uso de um bode mecânico. Segundo os autores, "seu eventual

crescimento pode ter encorajado outras fraternidades norte-americanas a adotar práticas semelhantes." (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 52)

Apesar das diversas acusações contra as fraternidades sobre a utilização do bode em suas cerimônias, "há relatos de que uma prática comum era que cada candidato montasse um bode vivo ao redor da loja." (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 52). Um exemplo dessa prática é o da fraternidade intitulada *A Benevolent and Protective Order of Elks*, que afirmou ter "realmente utilizado um bode em seu ritual de iniciação" (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 52)

James Madison, em sua *Exposition* (1848), afirma que "o bode não era mais percebido como uma calúnia maliciosa, perpetrada em um ataque antimaçônico, mas era apenas um eufemismo jocoso, adotado por muitos maçons." (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 52). James W. Cook em seu livro *The Arts of Deception: Playing with Fraud in the Age of Barnum* (2001), argumentou que "a preocupação dos Estados Unidos com os segredos tornou o que ele chama de "engano astuto" um modo significativo de diversão durante esses anos." (MOORE, 2007, p. 168)

3. O bode como símbolo adotado pelos maçons

Por muitos anos o bode permaneceu como símbolo maligno associado às diversas fraternidades que surgiam no século XIX, mesmo não havendo conhecimento real do que se passava nas cerimônias por parte daqueles que realizavam tais acusações, contudo, nas últimas décadas do mesmo século, o significado do bode nas lojas foi transformado, de modo que, os membros das fraternidades começaram a celebrá-lo e adotá-lo como fazendo parte dos rituais, sendo agora associado como "símbolo do conhecimento compartilhado" (MOORE, 2007, p. 169).

Além das formas de associação positiva do bode com as iniciações realizadas pelos rituais das fraternidades, outras maneiras de exaltação surgiram em oposição às críticas dos grupos antifraternalistas. Os poemas cômicos *She Wanted to be a Mason* (1881) e *When Father Rode the Goat* (1901), combinavam informações presentes nas cerimônias das fraternidades, como os apertos de mãos e as senhas secretas, com a figura do bode. Esses textos tinham o intuito de criar humor a partir dos segredos presentes dos cerimoniais. Outra maneira de produzir humor relacionado ao bode eram as gravuras e ilustrações presentes em panfletos, convites e revistas ligadas ao

fraternalismo.

Cassius Marcellus Coolidge (1844-1934) foi um artista norte-americano, conhecido por suas pinturas que demonstravam cães de diversas raças realizando atividades humanas. Entre 1894 e 1934, o artista pintou 16 telas e em uma dessas obras, intitulada *Riding the Goat* (1900), foi registrado de maneira antropomórfica cães realizando uma cerimônia de iniciação dentro de uma loja. Na pintura é possível observar em primeiro plano um cão da raça São Bernardo de olhos vendados montado em um bode enquanto três oficiais ao fundo da cena, em local de destaque atrás de uma mesa e portando colares cerimoniais, observam a cena. Também é possível verificar que um cão da raça Spaniel conduz o candidato segurando uma corda presa ao redor do pescoço. Os cães da assembleia estão fumando charutos e cachimbos, e estão usando chapéus utilizados no Rito Escocês da Maçonaria. (MOORE, 2007)

Fig. 2: Cassius Marcellus Coolidge, "Riding the Goat," ca. 1900.



Fonte: Litografia, publicada por Brown & Bigelow; H. 10", W. 15".

Essas produções levaram o bode e as fraternidades iniciáticas a um patamar de popularidade muito grande no início do século XX, de modo que chegaram a alcançar diversas empresas que passaram a produzir "souvenirs, chaveiros para relógios, abotoaduras, e outras peças masculinas decoradas com bodes e cabeças de bodes" (MOORE, 2007, p. 175). Entre as décadas de 1890 e 1900, diversos materiais impressos e convites das festas anuais da organização

dos Veteranos Maçônicos do Brooklyn ostentavam a figura do bode. O anúncio da quinta festa anual de 1893 toma destaque especial por mostrar

um bode interrompendo um banquete maçônico andando sobre a mesa, quebrando pratos, derrubando uma garrafa de vinho e borrifando um homem com uma garrafa de água com gás. Homens, vestindo trajes formais acrescidos de aventais maçônicos, cercam a mesa e olham com horror e descrença para a besta rotulada de "Grande Mestre da Situação". Ao interromper uma ocasião formal e desencadear o caos e a desordem nela, o bode assume o papel do "Senhor do Desgoverno", que simultaneamente inverte e reifica a estrutura social em cerimônias tradicionais do calendário carnavalesco, como o Mardi Gras ou o Natal. A garrafa de vinho sobre a mesa perto do bode sugere o processo pelo qual as restrições da civilização foram relaxadas. (MOORE, 2007, p. 176, tradução nossa)

4. Problemas decorrentes do humor nas cerimônias iniciáticas

Essas ações fizeram com que as fraternidades iniciáticas assumissem o controle da situação, tornando aquilo que outrora foi tomado como objeto de crítica em motivo de orgulho, sendo utilizado de maneira humorística e provocativa diversas vezes. Contudo, a prática de brincadeiras nas cerimônias de iniciação causaram diversos acidentes e problemas notáveis para esses grupos. Em 1902 o *Sovereign Camp of the Woodmen of the World* foi processado em um valor de \$25,000 por Samuel W. Mitchell, que reclamava danos com base nas lesões causadas pelos aparelhos. (MOORE, 2007, p. 187). Em 1906, Charles McAtee pediu \$2.000 em um processo contra a loja *Modern Woodmen* em Arrowsmith, Missouri. Ele sofreu ferimentos quando foi vendado e empurrado por um bode mecânico, tal ato culminou com o bode passando por cima do seu rosto. (MOORE, 2007, p. 187)

Em março de 2004, um homem chamado William James foi morto durante uma cerimônia na loja maçônica Southside em Patchogue, Nova York (TAVERNISE, 2004). A vítima foi baleada na cabeça quando um outro membro disparou uma arma carregada com balas reais em vez de balas de festim. A cerimônia em questão foi descrita como tendo o ob-

jetivo de criar ansiedade e consistia em manter o candidato sentado em uma cadeira em frente a uma plataforma com latas de refrigerante. Em seguida, a arma falsa seria disparada e um outro membro fora do ângulo de visão deveria derrubar as latas com uma vara, criando a ilusão de terem sido atingidas pelas balas. (HEIMBICHBER; PARFREY, 2012, p. 58)

Em outubro de 2022 durante o segundo turno do pleito eleitoral para o cargo de presidente do Brasil, vídeos e imagens falsas associando o candidato Jair Messias Bolsonaro à maçonaria circularam pelas redes sociais. Nas imagens adulteradas era possível vê-lo posando ao lado de membros da instituição e a figura do bode, associado ao satanismo, ao fundo. Essas publicações relacionando Bolsonaro com a maçonaria e o satanismo tiveram 23,4 mil curtidas e 4 mil compartilhamentos na rede social Twitter. Como forma de reduzir os danos ocorridos pelo alcance das publicações, as três potências da maçonaria regular no Brasil emitiram individualmente e também conjuntamente notas de repúdio contra a difamação ocorrida para com a instituição, em especial, ao associá-la com o satanismo.

Fig. 3: Montagem de Jair Bolsonaro e Augusto Heleno em frente a quadros de Baphomet e de símbolos maçônicos



Fonte: Twitter / Reprodução em Yahoo

O Grande Oriente do Brasil, maior e mais antiga potência maçônica brasileira, demonstrando preocupação com a prática de brincadeiras e do humor em suas cerimônias, menciona em seu Código Disciplinar Maçônico no Título X "Dos atos indisciplinados", art. 48:

São atos indisciplinados aos quais se aplicam a sanção disciplinar de inabilitação para o exercício de cargo maçônico por até dois anos, descrita no inciso II, do art. 24: III – submeter candidato a ser iniciado a qualquer tipo de atitude não prevista em nossa legislação maçônica ou no Ritual, ensejando trote, prova tarefa ou situação que possa gerar constrangimento físico ou moral (GOB, 2016, p. 12).

O trecho supracitado aponta qualquer tipo de humor ou pegadinha durante a iniciação como sendo atos indisciplinados passíveis de sanção disciplinar. Essa atitude parece atuar como forma de extinguir as práticas e vícios antigos que por diversas vezes causaram problemas para a maçonaria. Harry Carr, ex-secretário da primeira loja maçônica de estudos e pesquisas do mundo, chamada Quatuor Coronati, de Londres, afirma que essa prática pode ser verificada em uma série de documentos intitulados "Grupo de Edimburgo", que descrevem os rituais da época e procedimentos de admissão que ocorreram entre 1696 a 1714, e quase certamente por cerca de 50 a 100 anos antes dessa época. Neles é possível verificar a descrição de muitas cerimônias para assustar o candidato, antes de ensiná-lo os sinais, as posturas e toques de maçom. (CARR, 1968, p. 159)

Mendes (2011), em seu livro sobre o ritual de emulação, descreve algumas das práticas modernas realizadas como forma de humor nas iniciações maçônicas. O autor afirma que o candidato "é submetido a um "trote", a brincadeiras infantis, sustos idiotas; muitos são levados e deixados por horas em cemitérios, outros são vendados, encapuzados, e rodam dentro de carros por um tempo exagerado" (MENDES, 2011, p. 66). Além disso, seu livro também apresenta o cuidado tomado pelo chamado Sistema Inglês, em relação ao uso de brincadeiras presente nas cerimônias maçônicas, ele afirma que "o Sistema Maçônico Inglês, neste ponto, traz à lume por literatura consultada que é inadmissível a prática de brincadeiras ou atos que venham a constranger, assustar ou exaurir

qualquer sentido do candidato e/ou que venha lhe causar mal-estar". (MENDES, 2011, p. 66).

5. Considerações finais

Diante do exposto, pode-se verificar que o humor está presente nas cerimônias da maçonaria há pelo menos quatrocentos anos, algo que em diversos momentos causou diversos problemas para a instituição mas também auxiliou sua popularização em todo o mundo. Muito dessa fama historicamente se deu por conta da figura do bode, utilizado por inimigos da maçonaria como os associando ao satanismo. Atualmente, o bode ainda é visto como uma figura que gera estranhamento por parte daqueles que não fazem parte da instituição, essa tradição parece manter-se desde o início de sua utilização pelas instituições do século XIX, em contrapartida, também passou a ser utilizado pelos maçons como símbolo da instituição e dos seus membros em muitos locais. Essa época, tida como a era de ouro do fraternalismo resultou literalmente em centenas de outros grupos surgindo em competição com os maçons, alguns deles eram obviamente menos sérios do que outros, isso serviu apenas para perpetuar o mito de que os maçons e outras fraternidades exigiam um ritual de cavalcada no bode para suas iniciações, contudo, não é possível afirmar que tal prática fazia parte do escopo ritualístico da maçonaria, por não constar em seus rituais e não existirem documentos que registrem tal prática, apesar disso, a instituição ainda vale-se de outras formas de humor em suas cerimônias, das quais resultaram em tragédias que corroboraram para a má fama nos meios populares, como recentemente pôde-se observar o caso das eleições brasileiras de 2022. Por outro lado, é possível observar através de suas leis institucionais esforços em prezar pela seriedade das suas cerimônias e rituais, evitando tais práticas, apontando-as como atos indisciplinados passíveis de punições. Isso parece demonstrar certa preocupação com o passado problemático dessas práticas, de modo a evitar problemas atuais que exponham de forma negativa a reputação da instituição nos meios não-maçônicos, contudo, ainda permanece como desafio a ser superado, em uma relação complexa entre humor, segredo e responsabilidade, por parte dos organismos que experienciam seus mistérios.

6. Referências Bibliográficas

A BÍBLIA. O dia do Grande Perdão. Tradução Ecumênica

da Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1995.

ADAMS, C. C. *Masonic Notes*, 1918 1919, vol. 1: A Publication to Encourage and Facilitate Intercommunication Between Masonic Students in All Parts of the World. Londres: Forgotten Books, 2018.

CARR, Harry. The Six Hundred Years of Craft Ritual. *Ars Quatuor Coronati*, v. 81. Londres, 1964.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Código Disciplinar Maçônico*. Brasília: GOB, 2016.

HEIMBICHNER, C.; PARFREY, A. *Ritual America*. Port Townsend: Feral House, 2012.

HODAPP, C. *Freemasons For Dummies*. 2nd ed. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2013.

MACKEY, A. G. *An Encyclopaedia of Freemasonry*. New Orleans: Cornerstone Book Publishers, 2007.

MENDES, Fábio. *Ritual de Emulação – O Grau de Aprendiz Maçom*. Joinville: Clube de Autores, 2011.

MOORE, W. D. *Riding the Goat*. Winterthur Portfolio, v. 41, n. 2/3, p. 161–188, jun. 2007.

TAVERNISE, Sabrina. Man Fatally Shot During a Masonic Initiation. *The New York Times*, 2004. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/03/09/nyregion/man-fatally-shot-during-a-masonic-initiation.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.